

MAPEANDO O PÓS-KEYNESIANISMO: UMA ABORDAGEM CIENCIOMÉTRICA

Bruno Roberto Dammski*
Marco Antônio Ribas Cavalieri**
José Simão de Paula Pinto***

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estudar a corrente pós-keynesiana na economia para delinear suas características. A metodologia usada para atingir este objetivo combina concepções filosóficas e linguísticas, com técnicas computacionais e cienciométricas. Primeiro, tal metodologia parte do conceito de finitismo de significados (*meaning finitism*) para compreender o que significa uma expressão do ponto de vista da sua construção social. A ideia de finitismo consiste em expandir o significado de um termo para permitir que ele seja formado por uma infinidade de conceitos, e não por uma a definição unívoca. Tal ideia é baseada na filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein. Segundo, o contexto social em que o significado da expressão “*Post Keynesian*” surge tem que ser escolhido. Neste artigo, o contexto relevante é a comunidade acadêmica dos economistas, representada pelas revistas em que esses pesquisadores publicam seus artigos. Assim, o significado da expressão “*Post Keynesian*” é estudado a partir de uma base de dados formada por milhares de artigos acadêmicos. Terceiro, o modo específico de estudar a expressão “*Post Keynesian*” neste contexto é através um programa computacional para construir um mapa de *Co-word*. Este mapa representa a co-ocorrência de palavras relevantes que co-ocorrem com a expressão em foco como distâncias em um espaço bidimensional. Quarto, a literatura pós-keynesiana é utilizada para estabelecer conexões entre as palavras que aparecem no mapa, dando origem a um quadro de significados e características da corrente pós-keynesiana. Em paralelo com esta metodologia, o presente artigo apresenta, ainda, um gráfico que mostra as ocorrências da expressão “*Post Keynesian*” nas revistas de economia, cotejando tal gráfico com a literatura histórica da corrente.

Palavras-chaves: Pós-keynesianismo. Finitismo de significados. Análise de *Co-word*. História do pensamento econômico.

ABSTRACT

This article aims to study the Post Keynesian movement in economics to establish its defining characteristics. The methodology built to accomplish this objective is a combination of philosophic and linguistic conceptions, in addition to computational and scientometric techniques. First, the methodology departs from the concept of “meaning finitism” to build the understanding of the meaning of an expression as a social construction. Additionally, the concept of “meaning finitism” expands the meaning of an expression to permit it to be formed by a multitude of definitional entities, and not by a univocal definition. The meaning finitism is a concept based on Ludwig Wittgenstein’s philosophy of language. Second, a social context where the meaning of the expression Post Keynesian must be chosen. In this article, the relevant context is the economics academia, represented by the journals where researchers publish their papers. Thus, the meaning of the expression Post Keynesian is studied from a database formed by thousands of academic papers. Third, the specific way to study the expression Post Keynesian in this context is to use a software to construct a Co-word map. This map represents the statistical co-occurrence of the relevant words that co-occurs with the expression in focus as distances in a two-dimensional space. Fourth, the Post Keynesian literature is utilized to link the words showed on the map, from this process emerges a broad meaning and defining characteristics of the Post Keynesian movement in economics. In parallel with this methodology, the article presents a graph that shows the occurrence of the expression Post Keynesian within the economics journals. This statistical research is collated with the historical literature about the movement.

Key words: Post Keynesian. Mining finitism. Co-word analysis. History of economic thought.

* Doutorado em Economia do Desenvolvimento FEA-USP

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico UFPR

*** Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação UFPR

1. INTRODUÇÃO

Nas Ciências Economia, ao contrário do que acontece em outras áreas do conhecimento humano, convivem várias correntes de pensamento contraditórias, ou até mesmo excludentes, que tem por objetivo explicar os fenômenos que se verificam na economia, uma delas é o pós-keynesianismo. Tal corrente, entretanto, apresenta uma peculiar dificuldade de demarcação de suas fronteiras, que, embora não seja uma exclusividade sua, é uma das suas principais características. Dizer quais são os princípios relevantes para esta corrente, ou mesmo identificar os membros que a compõe, não é uma tarefa trivial. Na literatura são longas as discussões sobre este assunto, tanto entre os que trabalham declaradamente dentro das fronteiras pós-keynesianas como entre os pesquisadores que se encontram em seu entorno.¹

O presente artigo retoma a discussão que versa sobre as fronteiras do pós-keynesianismo para considera-las de um novo ângulo, o da análise cienciométrica. Em outras palavras, parte-se, aqui, do pressuposto de que se pode utilizar a linguagem empregada pelos cientistas para definir o que é uma corrente de pensamento econômico. Mais especificamente, adota-se a ideia de finitismo de significados, utilizada por Klaes (2004) para fornecer uma ideia ampla do que é pós-keynesianismo e, assim, avançar na compreensão do significado deste termo.

Para atingir este objetivo optou-se por utilizar a chamada análise de *Co-word*, apontada por Klaes (2004, p. 369) como um dos possíveis métodos para analisar a acepção de um termo através da ideia de finitismo de significados. Tal método consiste na representação gráfica do contexto em que determinado termo – no caso “*Post Keynesian*” – ocorre na literatura acadêmica. A hipótese que sustenta esta abordagem é de que ao publicarem em periódicos acadêmicos os cientistas utilizam termos técnicos – como pós-keynesiano – em um sentido que é relevante para delinear seu significado. Esse é um ponto muito importante para o presente artigo, assim, vale a pena ressaltá-lo já nessa introdução: **o mapa de *Co-word*, produto final da referida análise, é uma representação gráfica do significado da palavra pós-keynesiano em um contexto social relevante, por isso, pode ser visto como uma definição em si mesmo.** Uma definição, cabe salientar, ampla e, portanto, não unívoca, que leva em conta a complexidade do contexto social e do uso da linguagem, apresentando uma série da vantagem com relação a outros tipos de definição como será visto na seção 3.

No que diz respeito a sua estrutura o presente artigo encontra-se dividido em quatro seções, além desta introdução. Na seção 2 apresenta-se uma breve história de como surgiram e se consolidaram a rede social e as instituições que dão suporte ao pós-keynesianismo. Essa história omite discussões pormenorizadas dos conceitos pós-keynesianos, pois ela é uma história focada na formação de uma rede de pesquisadores, uma história social, não teórico-internalista. Na seção 3 faz-se uma exposição do referencial teórico que dá suporte à análise empreendida neste trabalho. Tal referencial compreende uma revisão das delimitações do pós-keynesianismo já avançadas na literatura, bem como um detalhamento das sugestões de Klaes (2004) e de Dachs *et al.* (2001). A partir das quais se construiu a abordagem utilizada neste artigo. Na seção 4 são expostas considerações gerais sobre a base de dados utilizada, bem como sobre o método de mapeamento empregado pelo programa *VOSviewer* para gerar os mapas de *Co-word*. Na seção 5, são apresentados, em duas subseções, os resultados obtidos. A primeira delas, a subseção 5.1, trata do uso termo “*Post Keynesian*” pelos economistas ao longo dos anos, enquanto a segunda, a subseção 5.2, traz o mapa de *Co-word* elaborado para o referido termo, acompanhado da discussão a respeito de sua interpretação. Por fim, delineiam-se algumas notas conclusivas.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DO PÓS-KEYNESIANISMO

Tendo em vista que o principal objetivo deste artigo é avançar na compreensão de como os economistas utilizam o termo “*Post Keynesian*” para designar uma comunidade acadêmica específica de pesquisadores, a presente seção traz um breve histórico de como surgiram e se consolidaram tanto a rede social, como as instituições que dão suporte a esta corrente.

¹ Optou-se por utilizar o termo “corrente” para fazer referência ao que comumente se pode chamar de escola de pensamento econômico, programa de pesquisa ou paradigma, pois o único dado inicial que se quer para o conteúdo do termo “pós-

2.1. O PÓS-KEYNESIANISMO DE 1971 A 1977: O COMEÇO

Embora não seja possível falar em uma corrente de pensamento econômico pós-keynesiana antes da década de 1970, simplesmente porque não existia um grupo específico de economistas que se identificassem com esse nome, a história que vai desembocar na constituição da rede social pós-keynesiana mais madura e digna do nome começa de certa forma nos anos 1960. Nesta década, Joan Robinson (1903-1983) viajou várias vezes aos Estados Unidos, apresentado conferências sobre diversos temas, tais como as controvérsias do capital, questões metodológicas, sobre o que via como falhas da teoria economia neoclássica, dentre outros assuntos. Nestas viagens, a economista britânica evidentemente travou contato com vários colegas norte-americanos. Entre eles, é interessante destacar cinco personagens extremamente importantes para a história do pós-keynesianismo (King, 2002, p. 240; Mata, 2004, p. 242 e 250; Lee 2009, 78-80).

Alfred Eichner passou a se identificar fortemente com as ideias de Robinson apenas dois meses depois de começar a se corresponder com ela, em 1969. **Sidney Weintraub** passou por um processo de conversão mais lento. Foi somente em 1972 que ele percebeu que suas concepções estavam muito próximas das ideias dos economistas da Cambridge inglesa – isso embora o fato de que já em 1960 Weintraub se considerasse um economista não ortodoxo. **Paul Davidson**, por sua vez, se aproximou do que viria a ser o pós-keynesianismo sob a influência de Weintraub, seu orientador de doutorado. Outro personagem, **Edward Nell** foi introduzido nas discussões sobre as controvérsias do capital quando esteve em Oxford, no final da década de 1950. E, finalmente, é preciso citar **Jan Kregel** que durante seu doutorado foi orientado por Davidson e passou um ano (1968-69) em Cambridge, onde teve Joan Robinson como tutora (Lee 2009, 78-80 e King 2002, p. 114 e 159-60).

Foi, todavia, em dezembro de 1971 que Robinson ministrou a conferência mais importante da história do pós-keynesianismo. Convidada pelo seu amigo de longa data, John Kenneth Galbraith, na época presidente *American Economic Association* (doravante denominada AEA), ela ficou responsável pela célebre conferência *Richard T. Ely*. Naquele ano, o encontro teve lugar em Nova Orleans (King 2002, p. 123).

A palestra de Robinson foi um grande libelo a favor de uma profunda releitura de Keynes. A famosa economista inglesa, provavelmente influenciada pelas ideias de Thomas Kuhn (1922-1996) sobre as revoluções científicas, acusou o *mainstream* de “ter colocado Keynes para dormir”. Para ela, a verdadeira revolução desejada por Keynes ainda não tinha se concretizado. A prova disso era a crise pela qual a macroeconomia da sua época estava passando. Segundo Robinson, a macroeconomia não conseguia explicar de maneira convincente a inflação desprovida de crescimento e, ademais, ela observava que a distância existente entre os modelos matemáticos e a realidade teria ido muito longe. Assim, esta conferência foi, no fundo, um convite a voltar às ideias de Keynes com o objetivo de reconstruir a teoria econômica (King 2002, p. 121-5, Lee 2009, p. 81-2).

Nos bastidores do evento, em um encontro planejado por Eichner, Robinson conversou com vários economistas que compartilhavam sua insatisfação com o *mainstream*, sugerindo que a empreitada de reconstrução da teoria econômica que acabara de propor se chamasse pós-keynesianismo. Tal nome, entretanto, não foi prontamente aceito, dada a grande diversidade de visões entre seus ouvintes. Na verdade, talvez a única coisa que os unia, naquele momento, era o desejo de superar o que identificavam como problemático na corrente dominante. Desse modo, mesmo que esse desejo tenha sido o único ponto de união entre os colegas naquela ocasião, ele foi suficiente para dar início a uma série de gestões que visavam à criação de uma nova corrente de pensamento econômico (King 2002, p. 121-5, Lee 2009, p. 81-2).

O grupo seguiu trabalhando intensamente nas ideias lançadas por Robinson, sendo a empreitada encabeçada por Eichner. A primeira medida tomada por ele foi coletar os endereços dos participantes, formular e enviar-lhes uma carta com perguntas sobre qual seria uma possível alternativa ao *mainstream*. Posteriormente, com as respostas em mãos, ele redigiu e enviou-lhes uma segunda carta contendo as opiniões de todos e pedindo-lhes que indicassem outros economistas a serem incluídos nessa discussão. Desse modo, já em janeiro de 1972, teve início a circulação de um boletim informativo sobre as

atividades do grupo. Um segundo passo importante dado por Eichner foi arranjar para o grupo uma sessão da *Union for Radical Political Economics* (doravante denominada URPE) durante o encontro dessa associação de economistas ligados ao marxismo, no mesmo ano, 1972. Ao fim dessa sessão, intitulada *The Possibility of an Alternative to the Neo-Classical Paradigm: a dialogue between Marxists, Keynesians and Institutionalists*, ficava claro, ao menos para Eichner, que, embora diferentes, as visões desses três grupos não eram irreconciliáveis (Lee 2009, p. 80-3).

Vários dos participantes, assim, decidiram dar prosseguimento às discussões daquela sessão formando o *Political Economy Club*. Tal clube, entretanto, não teve longa duração, dissolvendo-se já no primeiro semestre de 1973. Eichner então interpretou que literatura do pós-keynesianismo era bastante escassa, o que certamente dificultava o objetivo de causar impacto na comunidade acadêmica americana. Em dezembro do mesmo ano, ele conseguiu outra sessão no encontro da URPE. Nesta outra sessão, intitulada *Post-keynesian Theory as a Teachable Alternative Macroeconomics*, além do uso do termo “*Post Keynesian*” para designar a nova abordagem, foi distribuída uma compilação de toda a bibliografia que podia ser considerada pós-keynesiana (Lee 2009, p. 83-5).

A última sessão pós-keynesiana idealizada por Eichner na URPE aconteceu em 1974 e seu título foi *Alternative Approches to Economic Theory*. Nela, Eichner apresentou uma prévia do artigo *An Essay on Post-keynesian Theory: A New Paradigm in Economic* que seria publicado em 1975 no *Journal of Economic Literature* (doravante JEL). A nova abordagem da teoria econômica, entretanto, não agradou parte considerável dos marxistas. O principal motivo foi a falta de uma análise crítica do capitalismo, um denominador comum – e necessário – para os marxistas. Contudo, durante os próximos anos a URPE continuou aceitando artigos de economistas pós-keynesiano para suas sessões. De acordo com Lee (2009, p. 84), isso foi extremamente importante para a história e a constituição dessa nova corrente, pois tais reuniões eram, na verdade, um dos poucos lugares nos quais os pós-keynesianos podiam trocar ideias com seus colegas de profissão.

O fruto mais notável de todo o esforço encabeçado por Eichner para construir a rede social pós-keynesiana foi, sem dúvida, o seu artigo intitulado *An Essay on Post-keynesian Theory: A New Paradigm in Economics*. Depois de anos participando de eventos com economistas insatisfeitos com o *mainstream* e tendo trocado cartas sobre uma possível alternativa com diversos deles, Eichner encontrava-se preparado para escrever um trabalho que apresentasse à comunidade acadêmica as características fundamentais do pós-keynesianismo. Todavia, não queria fazer isto sozinho e assim, com Kregel como co-autor e com a ajuda de Robinson, Davidson, Harcourt e Pasinetti para a redação, ele conseguiu consolidar o uso do nome “*Post keynesian*” para designar a nova abordagem proposta, publicando seu famoso artigo em dezembro de 1975 no JEL (Lee 2009, p. 85; King 2002, p.130; Eichner e Kregel 1975, p. 1293).

Este artigo de Eichner e Kregel começa deixando claro suas pretensões, pois já na introdução escreve-se: “*This generalization may be said to represent, in Thomas Kuhn’s sense, a new paradigm [...] post-keynesian theory has the potential for becoming a comprehensive, positive alternative to the prevailing neoclassical paradigm*” (Eichner e Kregel 1975, p. 1293-4). Outra preocupação dos autores era explicar, já na primeira nota de rodapé, que o nome escolhido para a nova corrente de pensamento, “*Post keynesian*”, não deveria ser interpretado como um desprezo às contribuições de outros economistas, tais como Michael Kalecki, Piero Sraffa e os marxistas que são citados em conjunto. Uma clara tentativa de aumentar o número de adeptos da nova corrente (Eichner e Kregel 1975, p. 1293).

Em síntese, a publicação deste artigo e o seminário de Robinson de 1971 são os dois grandes marcos da história do pós-keynesianismo. É depois deles que o termo “*Post Keynesian*” passa a ser amplamente utilizado como o nome da nova corrente de pensamento (Lee 2009, p. 82).²

² É interessante, entretanto, observar que enquanto nos Estados Unidos, ao longo da década de 1970, se constituía uma rede social pós-keynesiana, graças principalmente ao trabalho de Eichner, na Inglaterra tal fenômeno não ocorreu na mesma época. A “nova escola da Cambridge” que teve sua origem com economistas que posteriormente seriam considerados os pioneiros do pós-keynesianismo (tais como Richard Kahn, Michał Kalecki, Nicholas Kaldor e Piero Sraffa) não resistiu a aposentadora de Robinson em 1970, prejudicando, assim, o desenvolvimento do pós-keynesianismo naquele país. De modo que, enquanto nos Estados Unidos o pós-keynesianismo começa a despontar com uma nova corrente de pensamento econômico já na metade dos

2.2. O PÓS-KEYNESIANISMO DE 1978 A 1988: A CONSTRUÇÃO DO SUPORTE INSTITUCIONAL

Por volta de 1977, a rede social pós-keynesiana já estava suficientemente desenvolvida nos Estados Unidos para tornar possível a fundação de uma revista acadêmica capaz dar suporte institucional ao grupo e disseminar suas ideias pelo mundo. Weintraub, percebendo isto, escreveu a John Galbraith em maio de 1977 para obter sua opinião sobre o assunto. Galbraith gostou da ideia e enviou junto com sua resposta um esboço de como a proposta da nova revista deveria ser apresentada. Weintraub, com a resposta em mãos, procurou Davidson para que ele viabilizasse o suporte financeiro necessário junto à Universidade de Rutgers, na qual era professor. Esta universidade aceitou a proposta e no outono de 1978 a primeira edição do *Journal of Post Keynesian Economics* (doravante denominado JPKE) veio a público (Lee 2009, p. 87-9).

O primeiro editorial apresentava “uma declaração de propósitos” (*A Statement of Purposes*), que citava vários economistas importantes, tais como: Smith, Ricardo, Marx, John Stuart Mill, William Stanley Jevons, Marshall, Keynes, Robinson, Kaldor, Kahn, Kalecki, Abba Lerner, Galbraith e Minsky; ressaltando que o pós-keynesianismo surgia, de certa forma, na esteira desses pensadores. Sobre o termo “pós-keynesianismo”, afirmava que: “*The term ‘Post Keynesian’ will thus be broadly interpreted, spotlighting new problems and revealing new theoretical perspectives*” (*Journal of Post Keynesian Economics* 1978, p. 7). Em outras palavras, o JPKE nascia eclético, declarando-se aberto a várias visões teóricas diferentes (*Journal of Post Keynesian Economics* 1978, p.3-7 e O’Hara 2003, p. 215-6).

Isto não significa, entretanto, que o JPKE permaneceria completamente aberto a todas estas visões ao longo dos anos. O falecimento de Weintraub em 1983 foi um ponto de transição para o periódico. Ao se tornar o principal editor Davidson intensificou suas críticas às ideias de cunho saraffiano e keleckiano, consideradas parte do pós-keynesianismo por Weintraub (O’Hara 2003, p. 216).

Na verdade, é possível dizer que Paul Davidson foi desenvolvendo uma visão muito particular e restrita do que é o pós-keynesianismo. Isto fica evidente na sua resposta às críticas feitas por três grandes nomes atuais do pós-keynesianismo à resenha que ele escreveu sobre o livro de King (2002), que trata da história das ideias pós-keynesianas:

Lavoie, King, and Dow share one common theme in their criticism of my review (...) of King’s book, “A History of Post Keynesian Economics Since 1936” (2002). They all object, in different ways and in different degrees, to (1) my definition of the boundary lines that encompass Post Keynesian economics and (2) who, in the twenty first century, should be labelled a Post Keynesian. In essence, I am being censured for refusing to provide shelter for many schools of nonmainstream economists under the Post Keynesian tent. All three scorn my decision to limit the term Post Keynesian to those who adopt the analytical framework of Keynes’s general theory [...]. (Davidson 2005, p. 393)

A despeito da visão de Davidson, o JPKE não deixou completamente de publicar artigos de outras áreas da heterodoxia ligadas ao pós-keynesianismo. De modo que, com o tempo, o periódico definitivamente foi se convertendo na principal revista da corrente, contribuindo sobremaneira para consolidar o uso do termo “*Post Keynesian*” para se referir à nova abordagem (O’Hara 2003, p. 216).

Além do apoio dado ao JPKE, a Universidade de Rutgers deu também emprego a alguns pós-keynesianos importantes. Já em 1977, essa universidade contratou Kregel. Entre 1978 e 1980, respectivamente, começaram a lecionar em Rutgers, Nina Shapiro e o grande organizador da corrente Eichner (Lee 2009, p. 89).³ Assim, aos poucos Rutgers foi sendo conhecida entre os estudantes de economia como um centro pós-keynesiano. Entre 1977 e 1987, mais de quinze estudantes de pós-

anos 1970, na Inglaterra isto só irá ocorrer na década de 1980, como resultado do trabalho de Victoria Chick e Philip Arestis (Lee 2009, p. 83, 86, 136, 143; King, p. 133)

³Nina Shapiro é uma economista publicamente conhecida como pós-keynesiana, sendo membro do conselho editorial do JPKE.

graduação estiveram diretamente envolvidos com pelo menos um dos três professores pós-keynesianos citados (Lee 2009, p. 93).

Embora, no final dos anos 1970 e início dos 1980, o JPKE e a Universidade de Rutgers constituíssem a principal estrutura institucional de suporte ao pós-keynesianismo nos Estados Unidos, eles não eram os únicos pontos de apoio dessa abordagem. Por um lado, havia outras três revistas acadêmicas heterodoxas que também davam suporte à rede social pós-keynesiana, eram elas: *Review of Radical Political Economics* (doravante denominada RRPE), *Journal of Economic Issues* (doravante denominado JEI) e a *Review of Social Economy* (doravante denominada ROSE. Por outro lado, existiam mais de vinte cursos de pós-graduação espalhados pelos Estados Unidos que ofertavam disciplinas de economia heterodoxa. Esses grupos também davam apoio à corrente pós-keynesiana, na medida em que possibilitavam alguma forma de contato dos seus estudantes com os textos dos economistas desta corrente (Lee 2009, p. 90-2).

Se nos Estados Unidos a abordagem pós-keynesiana em meados da década de 1980 já contava com uma rede social consideravelmente desenvolvida e com uma revista para disseminar suas ideias, na Inglaterra tanto a rede social pós-keynesiana como o suporte institucional à corrente ainda estavam nascendo. Entretanto, a despeito da ausência de um grupo que pudesse ser identificado como pós-keynesiano durante os anos 1970 naquele país, ocorre, nesta década, a fundação de duas revistas abertas a novas abordagens e que se tornariam importantes na história da corrente nos anos seguintes. O *Thames Papers in Political Economy* fundado em 1974 e o *Cambridge Journal of Economics* (doravante denominado CJE) impresso pela primeira vez em 1977. A primeira tinha como objetivo discutir questões práticas de política econômica, enquanto a segunda nasceu em Cambridge como uma reação à transferência do EJ de Cambridge para Oxford em 1976 (Lee 2009, p.137 e 139-41).

A *Conference of Socialist Economists* também teve um papel relevante na difusão das ideias pós-keynesianas na Inglaterra, pois, assim como a URPE nos Estados Unidos, ela serviu de ponto de reunião para os economistas desta corrente. Além disso, muitos outros eventos reuniram, durante o período que vai de 1978 a 1988, os economistas ingleses que formariam, em 1988, o *Post-Keynesian Economics Study Group*. Um grupo, articulado por Arestis e Chick, que nasce com o objetivo de promover conferências sobre temas pós-keynesianos, e marca o início da construção de um modesto suporte institucional à corrente na Inglaterra (Lee 2009, p. 136-43; King 2002, p. 139; Hayes 2008, p. 298).

Em síntese, a partir de 1988 era possível observar uma rede social e de suporte institucional ao pós-keynesianismo relativamente bem desenvolvidas nos Estados Unidos e, do mesmo modo, algo semelhante surgindo na Inglaterra, tendo, porém, como centro gravitacional da produção intelectual os Estados Unidos.

2.3. O PÓS-KEYNESIANISMO DEPOIS DE 1988

Embora a Universidade de Rutgers fosse reconhecida conhecida como um centro pós-keynesiano entre 1977 e 1988, nem tudo corria bem para Davidson, Eichner e seus companheiros naquela instituição. A unificação de diversos departamentos levada a cabo pela administração universidade em maio de 1981 fez com que o ambiente favorável ao desenvolvimento do pós-keynesianismo mudasse rapidamente. Kregel deixou Rutgers depois de ter sido designado para dar aulas de contabilidade. Shapiro teve seu *tenure* negado. Davidson foi para a Universidade de Tennessee, levando consigo o JPKE, após ter sido afastado da disciplina de macroeconomia do curso de pós-graduação. Eichner foi o único a permanecer em Rutgers até sua morte, em 1988, mesmo sendo sistematicamente impedido de lecionar algumas disciplinas. Em síntese, em 1988, o suporte da Universidade de Rutgers à nova corrente tinha se dissolvido completamente (Lee 2009, p. 94).

A rede social pós-keynesiana, entretanto, continuou crescendo e se espalhando ao redor do mundo, principalmente através dos estrangeiros que, depois de concluírem seus cursos de pós-graduação com professores pós-keynesianos passaram a disseminar as ideias desta corrente em países como Austrália, Áustria, Canada, França, Itália e Brasil. Esta difusão, somada ao fato do inglês ter se tornado a língua dominante na comunidade científica fortaleceram o JPKE e o CJE, que atualmente recebem artigos

de cunho pós-keynesiano do mundo todo para publicação (King 2002, p. 139-59, Paula e Ferrari Filho 2010, p. 248-54, Lee 2009, p. 94).

Além disso, outras revistas heterodoxas, tais como RRPE, JEI e ROSE, que apoiavam o pós-keynesianismo antes de 1988, mantêm esse suporte até hoje. Trata-se de uma espécie de “pacto de ajuda mútua”. Essas revistas se mantêm abertas ao pós-keynesianismo e, em troca, o JPKE aceita artigos dos representantes destas outras abordagens (Lee 2009, p.92 e 94).

Todavia, apesar do avanço no desenvolvimento da rede social e do suporte institucional, o tempo levou os entusiastas desta corrente a perceberem que a revolução conclamada por Robinson em 1971 não se materializara. Aliás, o que se observa durante as décadas de 1990 e 2000 é, de fato, um pós-keynesianismo que sobrevive como uma corrente de pensamento econômico pequena, mas ativa (Lee 2009, p. 95-6; Lee 2002, p. 285; King 2002, p. 135 e 259-60).

A posição marginal ocupada pela corrente, entretanto, levou alguns estudiosos a fazerem previsões a respeito do seu futuro. King (2002, p. 255-60) apresenta alguns cenários possíveis. Em um extremo, ele coloca a morte da corrente por volta do ano de 2020, caso a comunidade não seja capaz de atrair novos pesquisadores suficientemente hábeis para ocupar o lugar de personagens como Davidson, Arestis, Dow, entre outros. No outro, ele aponta para possibilidade de uma nova revolução científica desencadeada, possivelmente, por outra crise econômica mundial como a de 1929. Um dos cenários intermediários apresentados pelo autor, e compartilhado como possibilidade por Davidson (2003-4, p. 271) e Lee (2003, p. 285), é de o pós-keynesianismo permanecer como uma corrente de pensamento marginal. Um prognóstico que parecer vir se confirmando nas últimas décadas, já que mesmo a crise econômica que assolou o mundo em 2008 não foi capaz de gerar uma revolução favorável ao pós-keynesianismo (Lavoie, 2014, [2009b], p. 19).

3. REFERENCIALTEÓRICO

Depois desse breve resumo da constituição da corrente pós-keynesiana, consideremos o problema de sua delimitação, a que já se fez referência na introdução. Como acontece com outras correntes do pensamento econômico e mesmo com várias expressões comumente utilizadas pelos economistas, é difícil chegar a uma definição unívoca do termo “*Post Keynesian*”. No caso em tela, isso ocorre porque o pós-keynesianismo nasceu tentando reunir pesquisadores com interesses e ideias comuns, mas ecléticos ou oriundos de diferentes tradições teóricas. Discutem-se nesta seção, portanto, as delimitações já avançadas na literatura, bem como as sugestões de Klaes (2004) e de Dachs *et al.* (2001), a partir das quais se construiu a abordagem deste artigo.

Em 1988, Hamouda e Harcourt (1988, p. 2-16) identificaram três subgrupos de pós-keynesianos. a) Os pós-keynesianos americanos ou pós-keynesianos fundamentalistas. Este grupo partiria do *Treatise on Money* (doravante denominado TM) para compreender melhor a Teoria Geral do Emprego do Juro de do Dinheiro (doravante denominada TG) e teria como principais representantes Weintraub, Davidson e Minsky. b) Os neo-ricardianos ou sraffianos. São aqueles que buscariam interpretar Keynes sob o prisma da tradição clássica, utilizando principalmente as ideias de Marx. Seus principais representantes seriam Sraffa, Garegnani e Pasinetti. E, finalmente, c) os economistas de tradição kaleckiana-robinsoniana. Esses seriam os que leem a TG à luz das adaptações de matiz marxista realizadas por Kalecki e Robinson.

Entretanto, nessa mesma época, final dos anos 1980, a inclusão dos sraffianos no grupo começa a ser questionada. Apesar dos mesmos terem sido considerados um importante ramo do pós-keynesianismo durante a década de 1970 e a maior parte da década de 1980, discussões sobre metodologia ocorridas nos anos 1990 fizeram muitos pós-keynesianos rejeitarem os escritos de Sraffa e de seus seguidores como parte da corrente. Essa controvérsia foi desencadeada, em boa medida, pela redescoberta do *Treatise on Probability* (doravante denominado TP), de Keynes. O TP foi publicado pela primeira vez em 1921, mas permaneceu em larga medida esquecido durante a maior parte do século XX. É neste livro que Keynes apontava com maior detalhe e veemência a incerteza radical como um elemento inultrapassável da realidade econômica. Assim, quando os seguidores do economista britânico reconheceram esse tipo de incerteza e o TP como livro fundamental para a correta interpretação da obra

de Keynes – transformando-o num tratado ontológico da economia keynesiana –, muitos dos seguidores das ideias do britânico passaram a considerar a incerteza radical um componente absolutamente necessário da matriz teórica pós-keynesiana. Em outras palavras, de acordo com essa reinterpretação, todas as abordagens que não aceitam ou mesmo não enfatizam a incerteza radical como fundamento da realidade econômica não poderiam ser consideradas keynesianas. (Mongiovi 2003, p. 318; King 2002, 192-197).

Por exemplo, o artigo de Arestis (1996, p.111-114) que contém uma análise sobre o que constituiria o pós-keynesianismo, ao apresentar as tradições teóricas que fazem parte dessa corrente, deixa os sraffianos simplesmente de fora. Davidson, por sua vez, vai mais longe, passando a excluir não apenas os sraffianos, mas também os kaleckianos, como mostram seus artigos de 1996, 2000 e 2002b (Lavoie 2005, p. 372-4; Davidson 2005, p. 394-395, 1996).

Em 2002, a publicação do livro de King, *A History of Post Keynesian Economics since 1936*, intensificou o debate sobre quais tradições poderiam ou não se abrigar sob o termo “*Post Keynesian*”. King (King 2002, p. 5), consciente da necessidade de se ter uma definição de pós-keynesianismo para conseguir escrever a história desta corrente e, ao mesmo tempo, tentando evitar os problemas que uma definição muito determinista poderia lhe causar, decidiu admitir entre os pós-keynesianos todos aqueles que se identificam dessa maneira. Mac Lavoie – outro importante expoente do pós-keynesianismo –, assim como King, também acredita que o pós-keynesianismo deve permanecer largamente definido. Segundo ele (Lavoie 2005, p. 374-5 e 2009a, p. 19-24), o pós-keynesianismo é sim capaz de conter os três subgrupos apontados por Hamouda e Harcourt (1988), como aconteceu desde sua origem.

Ademais, a existência de tais subgrupos dentro do pós-keynesianismo leva seus integrantes a trabalharem em conjunto com outras abordagens distintas das três apontadas por Hamouda e Harcourt (1988). É comum os pós-keynesianos aproximarem-se do institucionalismo, da economia evolucionária e do marxismo (King 2002, p. 221-239; Lavoie 2009a, p. 1). Essas interações com outras escolas de pensamento, somadas à própria heterogeneidade dos seus pesquisadores, são complicadores para a tarefa de definir uma regra ou um conjunto de premissas comuns capaz de delimitar com clareza o que é o pós-keynesianismo (Esposito, 2013, p. 13).

Uma opinião interessante sobre a amplitude do pós-keynesianismo é a da metodologista Sheila Dow (2003). Para a professora da Universidade de Stirling, esta dificuldade de agregação é uma característica própria de várias correntes do pensamento econômico. Em seus trabalhos sobre metodologia da economia, Dow conceitua as bases ontológicas e metodológicas do pós-keynesianismo como alicerçadas no que chama de “modo de pensar babilônico”.⁴ Este termo, babilônico, é usado por Dow (2003, p. 12 e 14) para designar uma ontologia que entende e estuda o sistema social como necessariamente aberto. Em suas palavras, a definição de sistema aberto é:

An open system is one where not all the constituent variables and structural relationships are known or knowable, and thus the boundaries of the system are not known or knowable. This is the province of fuzzy mathematics, with indeterminate boundaries of sets. It is also the province of non-classical logic, where logical relations are applied to uncertain knowledge; this logic is variously known as ordinary logic or human logic, as exemplified by Keynes’s probability theory. If reality is understood as an open system, then scope is allowed for free will, for creativity and for indeterminate evolution of behaviour and institutions. (Dow 1996, p. 14)

According to the Babylonian approach, there is no single logical chain from axioms to theorems; but there are several parallel, intertwined, and mutually reinforcing sets of chains, such that no particular axiom is logically basic (Dow 2003, p. 11)

⁴ Davidson (2003-4, p. 262-3; 2005, p. 403-7) apresenta sérias críticas ao emprego da ideia de “modo de pensar babilônico” para definir o que é a corrente pós-keynesiana, no presente artigo, entretanto, este modo de pensar é visto simplesmente como uma característica que faz parte do pós-keynesianismo desde da sua origem (Dow 2003, p. 14) e não como um critério capaz individualizar tal corrente.

Para Dow, o institucionalismo, o marxismo, a economia evolucionária e o pós-keynesianismo dividem a ontologia de sistemas abertos como base para a construção de suas abordagens teóricas.

Essa é uma ideia polêmica, especialmente porque visa excluir justamente o *mainstream* econômico das abordagens admitidas como ontologicamente apropriadas para o estudo dos fenômenos econômicos. Mas, por outro lado, reconhece propriedades importantes dessas correntes alternativas: abertura e ecletismo. Em síntese, este caráter de pensamento babilônico faz com que o pós-keynesianismo não tenha uma fronteira bem definida e constantemente apareça misturado com outras correntes de pensamento econômico (Dow, 2003, p. 14; King, 2002, p. 223-39). Essa imprecisão, contudo, não é algo negativo, como salienta Dow (2003, p. 13): “*Indeed vagueness of categories is seen to have the benefit of adaptability within a changing environment [...]*”⁵

Uma das correntes que citamos como tendo bases ontológicas marcadas pelo modo de pensar babilônico é a evolucionária. Mais ainda, essa corrente aparentemente comporta mais confusão em sua delimitação do que o pós-keynesianismo. Nesse assunto, o artigo de Klaes (2004) tenta contornar esta dificuldade de demarcação da economia evolucionária destacando as vantagens da imprecisão (*vagueness*), afirmando que é possível chegar a uma definição relevante de economia evolucionária através de uma metodologia baseada na filosofia da linguagem.

Klaes (2004) afirma que o finitismo de significados (*meaning finitism*) é uma ideia que pode ajudar na definição do conteúdo de expressões de difícil conceituação unívoca. Tal conceito tem suas raízes na concepção de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) de que, sendo a linguagem uma construção social, cada palavra ou expressão passa a ter o sentido que a sociedade lhe atribui (Wittgenstein, 1994 [1953]). Nas palavras do próprio Wittgenstein (1994 [1953], p.8), “o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem”. Desse modo, Klaes (2004), seguindo Bloor (1997), apresenta o finitismo de significados em oposição à ideia de significado determinístico. Enquanto este último modo de significação necessita de uma regra fixa e não ambígua para definir uma expressão, o primeiro dispensa tal regra. Para determinar o significado de uma expressão, segundo essa linha wittgensteiniana, é preciso olhar para o uso da expressão na sociedade. No caso em tela, como os termos são de caráter técnico, é interessante fazer um recorte da sociedade na qual a expressão ganha significado. O recorte pode ser estabelecido, então, em torno da comunidade científica relevante para a definição (Klaes 2004, p. 365).

A ideia de finitismo de significados é ilustrada por Klaes (2004, p. 364-5) através de um exemplo simples. Dois indivíduos com vários objetos em uma sala separam três deles através de uma regra qualquer estabelecida por ambos, criando, assim, um conjunto inicial $\{O_1; O_2; O_3\}$. Depois, entra na sala um terceiro indivíduo a quem são apresentados os três objetos e que deve, a partir deles, identificar um quarto objeto, O_4 , para que seja adicionado ao grupo. Esse terceiro indivíduo deve procurar justificar cuidadosamente sua escolha, mas uma vez que os outros dois concordem, o objeto O_4 passa a fazer parte do conjunto, que agora será representado como $\{O_1; O_2; O_3; O_4\}$. Nesse contexto, a inclusão do objeto O_4 depende, por um lado, da boa ou má disposição dos dois primeiros indivíduos em aceitar que O_4 passe a fazer parte do conjunto inicial, e, por outro, do poder de persuasão do terceiro indivíduo. É uma determinação por concordância social (*social agreement*).

Em outras palavras, novas contribuições passam a figurar em uma corrente de pensamento através de uma espécie de negociação social e não pela simples aplicação de uma regra estática. Cabe pontuar, ainda, que tal processo de negociação está sempre em curso, pelo menos quando se fala de correntes de pensamento abertas, pois constantemente estão sendo feitas tentativas que visam incluir novos objetos no “conjunto definição” de tais correntes. Além disso, recorda Klaes (2004, p. 366), nem sempre é fácil obter um consenso entre todos os indivíduos, e mais do que isso, muitas vezes as tentativas de inclusão de novos conceitos degeneram em conflitos. Entre conflitos e concordâncias, processos como o da revisão por pares realizadas por periódicos especializados são símiles da ilustração da construção social de significado dada acima. Na medida em que o uso da expressão “pós-keynesiano” é aceito em determinado contexto – no caso, entre os periódicos especializados de economia – há esse processo de

⁵ Neste artigo usam-se as palavras “imprecisão” e “imprecisa” como tradução do termo *vagueness*, empregado por Dow (2003) e Klaes (2004).

construção social. Como o pós-keynesianismo é uma expressão de uso pouco difundido fora dos círculos da academia econômica, ao contrário de “marxismo” ou “liberalismo”, por exemplo, é razoável admitir que os periódicos científicos constituem um recorte relevante da sociedade em que se constrói esse significado.

Assim, ao estudar como uma determinada comunidade emprega o termo que a identifica - “*Post Keynesian*” no caso dos pós-keynesianos, “*evolutionary*” no caso dos evolucionários - se está avançando no conhecimento do que ela entende fazer parte de dada corrente. Neste contexto, conhecer o significado do termo que dá nome a uma corrente consiste em visualizar o conjunto de objetos a que determinada expressão é empregada e não tanto em explicar ambiguidades, já que, como vimos acima através de Dow, a imprecisão não é algo necessariamente negativo. Em síntese, de acordo com o finitismo de significado, uma corrente de pensamento pode ser vista como um aglomerado de temas vagamente interligados, e não necessariamente como um corpo teórico monolítico, de modo que uma definição relevante do termo que a nomeia surge como o resultado da compilação dos objetos a que este é empregado pelos integrantes da comunidade acadêmica (Klaes 2004, p. 362-70).

Existem vários métodos para encontrar a acepção de um termo partindo da ideia do finitismo de significados. Dentre eles, Klaes (2004, p. 369-370) destaca uma abordagem que pertence à chamada *cienciometria*. Segundo Marcias-Chapula (1998, p. 134), *cienciometria* é o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto disciplina, constituindo-se um segmento da sociologia da ciência. Na linha do que afirma Klaes (2004, p. 369-370), as técnicas *cienciométricas* servem para avaliar os processos estatísticos da linguagem, das palavras e frases dentro da produção de conhecimento científico (Vanti 2002, p. 153, 155).

Klaes (2004, p. 369-370) aponta mais especificamente o método *cienciométrico* utilizado por Dachs *et al.* (2001) para estudar a economia evolucionária, denominado análise de *Co-word*. Este método consiste na aplicação de tratamentos estatísticos a uma grande massa de textos para fazer com que o grau de co-ocorrência entre as palavras seja representado através de distâncias no espaço. Em síntese, tal método tem a capacidade de representar de forma gráfica o contexto em que determinado termo ocorre em uma dada literatura (Saes, 2005, p. 25-30). A partir desta representação é possível identificar a estrutura de temas a que uma comunidade de pesquisadores se dedica, bem como descobrir quais são os principais termos que a comunidade acadêmica, como um todo, utiliza para definir uma dada abordagem teórica. Aliás, isso é importante ressaltar: não é só a comunidade que espasa determinada corrente de pensamento que ajuda a formar a definição da mesma. O uso de determinada expressão por eventuais adversários ou cientistas não ligados à corrente também é formadora de significado.

Tendo em vista a semelhança existente entre a economia evolucionária e o pós-keynesianismo em termos de “imprecisão”, o presente artigo analisa, na seção 5, a representação gráfica do contexto em que ocorre o termo “*Post Keynesian*” na comunidade acadêmica formada pelos economistas. Isso é feito com o objetivo de fornecer uma ideia ampla do que é o pós-keynesianismo e, assim, avançar na compreensão do significado deste termo. **É importante ressaltar que, como se deseja aqui uma definição não unívoca, não determinista, socialmente determinada e que aproveite as vantagens de uma certa vaguidão, o próprio mapa de *Co-word*, resultado da análise proposta, pode ser considerado uma definição do que é o pós-keynesianismo.**

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Dentre as diversas bases existentes que compilam artigos acadêmicos na área de Economia, foi escolhida a *Journal Storage* (doravante denominado JSTOR), para levar a cabo quase todas as análises presentes neste artigo, isso por dois motivos. O primeiro deles é o fato dela disponibilizar gratuitamente todos os meta-dados das publicações que compila em um formato compatível com o programa computacional usado para a realização das análises.⁶ O outro é seu caráter histórico, o JSTOR reúne um

⁶ Meta-dados são dados sobre outros dados. Neste caso, os metadados são informações sobre os artigos que a JSTOR compila, tais como: título do trabalho, nomes autores, nome do periódico científico em que foi publicado, resumo etc.

grande número de periódicos antigos, o que é interessante para a construção de gráficos que apresentem a frequência com que um termo ocorre ao longo do tempo, como o que aparece na subseção 5.1.

O método escolhido foi análise de *Co-word* que, como consta na seção 3, consiste em representar graficamente o contexto em que uma palavra ocorre em grandes massas de textos. Existem, entretanto, diversos modos de construir esta representação. No presente artigo foi utilizado o programa *VOSviewer* para produzir o mapa de *Co-word*, por três razões. Primeira, porque ele é disponibilizado gratuitamente, ao contrário do *software* utilizado por Dachs *et al* (2014, [2001]). Segunda, pelo fato de proporcionar uma representação gráfica superior a de programas como SPSS e Pajek. Terceira, por dispor de *zoom* e busca, funcionalidade difíceis de encontrar em programas similares (Van Eck e Waltman 2010, p. 524).

O *VOSviewer* utiliza uma técnica específica para a elaboração dos mapas de *Co-word*, que compatibiliza alocação e clusterização de palavras, denominada Mapeamento por Visualização de Semelhanças (*Visualization of Similarities Mapping Technique*). Essa técnica foi desenvolvida pelos próprios autores do programa com base na literatura específica da área, e pode ser descrita como segue:⁷

Dadas n palavras relevantes e considerando que duas palavras quaisquer co-ocorrem quando aparecem juntas num mesmo resumo, tem-se a força de associação entre as palavras i e j definida como:⁸

$$s_{ij} = \frac{2mc_{ij}}{c_i c_j} \quad (1)$$

onde: s_{ij} é a força de associação entre as palavras i e j ; m é o número total de co-ocorrência entre todas as palavras; c_{ij} é o número de vezes que a palavra i co-ocorre com a palavra j ; c_i corresponde ao número total de co-ocorrências da palavra i com outras palavras e c_j ao número total de co-ocorrências da palavra j com outras palavras, em notação matemática os termos acima são:

$$c_i = \sum_{i \neq j} c_{ij} \quad \text{e} \quad m = \frac{1}{2} \sum_i c_i \quad (2)$$

Assim, de acordo com (1), as palavras que aparecem em muitos resumos, mas poucas vezes juntas possuem uma força de associação, s_{ij} , baixa, enquanto palavras que aparecem em poucos resumos, mas sempre juntas, têm uma força de associação, s_{ij} , alta.

A partir de (1), o primeiro passo para construir um mapa de *Co-word* é montar uma matriz, $\mathbf{S} = (s_{ij})$, que satisfaça as seguintes condições: $s_{ij} \geq 0$, $s_{ii} = 0$ e $s_{ij} = s_{ji}$ para todo $i, j \in \{1, \dots, n\}$. Tal matriz recebe o nome matriz de semelhanças, pois cada um dos seus elementos denota uma “semelhança” existente entre duas palavras, ou seja, o fato de elas ocorrerem no mesmo resumo.

O segundo passo é dispor as n palavras relevantes em um espaço euclidiano bidimensional, levando em conta a matriz de semelhanças, ou seja, este passo consiste, precisamente, em construir o mapa de *Co-Word*. Neste mapa, a posição de cada palavra é representada por um vetor $\mathbf{x}_i = (x_{i1}, x_{i2}) \in \mathbb{R}^2$, de modo que o conjunto de todos esses vetores forma uma matriz $\mathbf{X}, n \times 2$, que contém as coordenadas de todas as palavras. Estas coordenadas devem expressar o melhor possível a força de associação existente entre as palavras, de modo que as palavras que tem um s_{ij} alto apareçam próximas e palavras com um s_{ij} baixo sejam representadas distantes umas das outras.

Para encontrar tais coordenadas, o método de Mapeamento por Visualização de Semelhanças propõe a minimização da soma ponderada do quadrado das distâncias euclidianas, sujeita a uma restrição que impeça soluções em que todas as palavras sejam alocadas em um mesmo ponto. Além disso, este método permite construir clusters de afinidade entre as palavras, facilitando, assim, a identificação de temas de pesquisa. Em notação matemática, o problema a ser resolvido é minimizar a seguinte função:

⁷ A breve descrição das técnicas utilizadas pelo programa *VOSviewer* foi construída baseando-se nos seguintes artigos: Van Eck e Waltman (2011, p. 50-4), Waltman, Van Eck e Noyons (2010, p. 629-35), Van Eck e Waltman (2007, p. 299-306), Van Eck e Waltman (2010, p. 530-2).

⁸ Por palavras relevantes entendem-se substantivos e sequências de palavras, composta por substantivos e adjetivos, mas sempre terminadas em substantivo. Isto porque as outras classes de palavras tem pouca relevância para a realização da análise de *co-word*, já que a co-ocorrência entre elas não diz praticamente nada sobre uma área do conhecimento.

Para mais detalhes sobre como o *VOSviewer* seleciona tais palavras e sequências de palavras confira: Van Eck e Waltman (2011, p. 50).

$$E(\mathbf{X}; \mathbf{S}) = \sum_{i < j} s_{ij} d_{ij}^2 - \sum_{i < j} d_{ij} \quad (3)$$

Onde d corresponde à distância euclidiana entre dois pontos, sendo no caso do mapa:

$$d_{ij} = \|\mathbf{x}_i - \mathbf{x}_j\| = \left(\sum_{k=1}^2 (x_{ik} - x_{jk})^2 \right)^{1/2} \quad (4)$$

Enquanto no caso do cluster, d corresponde a seguinte regra de corte:

$$d_{ij} = \begin{cases} 0 & \text{se } x_i = x_j \\ 1/\gamma & \text{se } x_i \neq x_j \end{cases} \quad (5)$$

Note que quando se fala em visualizar semelhanças no mapa de *Co-word* parece natural esperar que cada palavra i seja alocada próxima às suas coordenadas ideais, ou seja, espera-se que cada palavra i seja representada próxima à média ponderada das coordenadas de todas as outras palavras.

$$c_i(\mathbf{X}, \mathbf{S}) = \frac{\sum_j s_{ij} \mathbf{x}_j}{\sum_j s_{ij}} \quad (6)$$

Pode-se perceber que é possível alocar todas as palavras em suas coordenadas ideais, $c_i(\mathbf{X}, \mathbf{S})$, colocando-as todas em um mesmo ponto. Tal solução, porém, é inútil, assim, mais do que alocar cada palavra em sua coordenada ideal, a função (3) as aloca próximas a essas coordenadas. Isso pode ser mais claro quando se supõe que as coordenadas de todas as palavras exceto uma, i , estão fixadas. De modo que a função objetivo (3) possa ser reescrita como:

$$E_i(\mathbf{x}_i; \mathbf{X}, \mathbf{S}) = \sum_j s_{ij} \left(\sum_{k=1}^2 (x_{ik} - x_{jk})^2 \right) \quad (7)$$

A minimização de (7) pode ser realizada analiticamente e tem como solução $\mathbf{x}_i = c_i(\mathbf{X}, \mathbf{S})$, ou seja, se as coordenadas de todas as palavras, exceto as de i , estão fixadas, o Método de Visualização de Semelhanças alocará a palavra i exatamente em suas coordenadas ideais. Em suma, embora tal método não aloque as palavras exatamente em suas coordenadas ideais ele tende claramente a isto.

Quanto ao processo de clusterização, cabe salientar que se trata, simplesmente, de agrupar palavras de acordo com a força de associação existente entre elas. O número de clusters é determinado pelo valor atribuído a γ , denominado parâmetro de resolução. Quanto maior o valor atribuído pelo pesquisador a este parâmetro, maior é o número de clusters que serão obtidos. Segundo Van Eck e Waltman (2013, p. 14), devem-se testar vários valores até que sejam obtidos clusters que façam sentido do ponto de vista analítico, por inspeção visual. Em suma, o parâmetro deve ser calibrado.

Além dos processos de mapeamento e clusterização, o *VOSviewer* representa cada palavra presente no mapa de *Co-word* através de um círculo com tamanho proporcional ao número de artigos em que ela ocorre. Isto se constitui em mais um dado integrado ao mapa, possibilitando aprofundar ainda mais as análises que tomam tal mapa como base.

Por fim, cabe pontuar que o Método de Visualização de Semelhanças, utilizado pelo *VOSviewer*, ao representar próximas as palavras que ocorrem nos mesmos resumos de artigos científicos que contém o termo “*Post Keynesian*” e ao montar clusters a partir da força de associação existentes entre tais palavras permite identificar tanto a estrutura de temas a que esta comunidade de pesquisadores se dedica, como descobrir quais são os principais termos que a comunidade acadêmica, como um todo, utiliza para definir o pós-keynesianismo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para cumprir o objetivo de melhor compreender o uso da expressão “*Post Keynesian*” entre os economistas acadêmicos, considerou-se oportuno dividir esta tarefa em dois passos. Primeiramente, apresenta-se uma análise da ocorrência do termo ao longo dos anos nos periódicos de economia arrolados no JSTOR, que, diga-se de passagem, desconsidera as controvérsias quanto ao emprego ou não do hífen

na grafia do termo (*Post Keynesian* ou *Post-Keynesian*). Depois, em segundo lugar, apresenta-se a análise de *Co-word* propriamente dita juntamente com algumas considerações a respeito.⁹

5.1. O USO DO TERMO “POST KEYNESIAN” AO LONGO DOS ANOS

A análise da frequência com que o termo “*Post Keynesian*” foi utilizado ao longo dos anos nos periódicos de economia arrolados na base JSTOR consiste, no contexto do presente artigo, em uma etapa prévia à análise de *Co-word*, que permite cotejar as variações na ocorrência do termo com a história da corrente.

O Gráfico 1 mostra o número de artigos em que ocorre o termo “*Post Keynesian*”¹⁰ incluindo e excluindo o JPKE, em relação ao total de artigos publicados em revistas de economia, para cada ano desde 1936 até 2012. Ao observá-lo é possível identificar cinco períodos distintos.¹¹

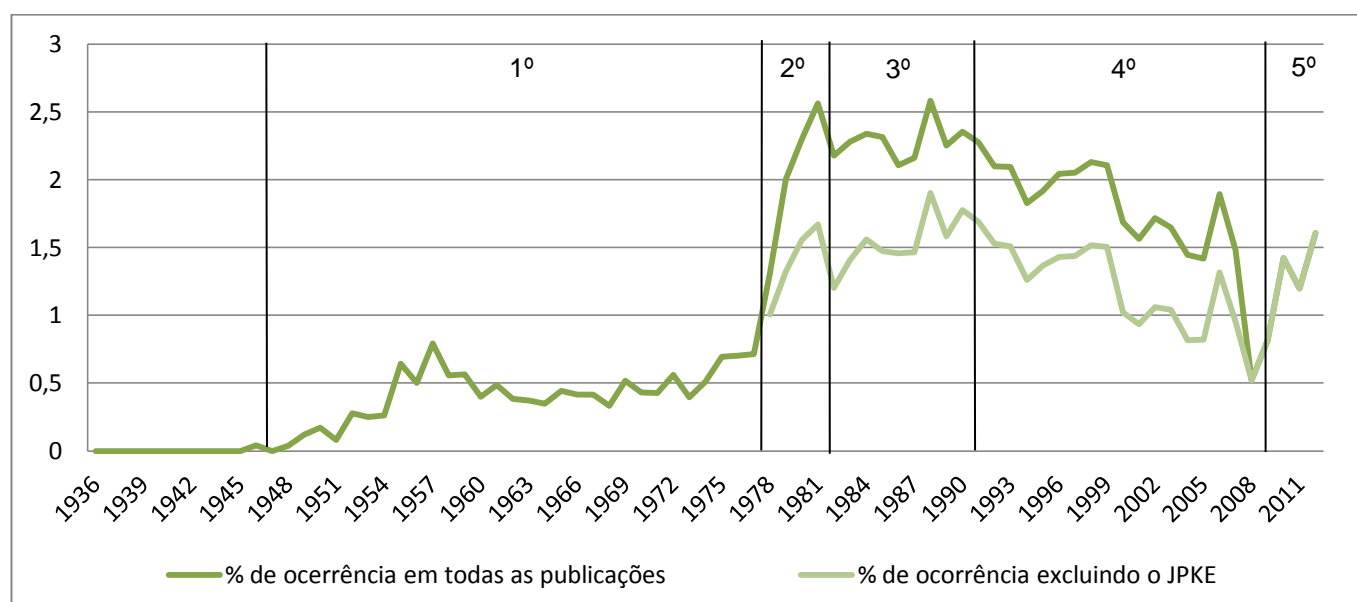


GRÁFICO 1 - JSTOR: FREQUÊNCIA DO TERMO "POST KEYNESIAN" EM % DE PUBLICAÇÕES EM ECONOMIA (1936-2012)

FONTE: O AUTOR (2014)

O **primeiro** período vai do final da II Guerra Mundial até meados da década de 1970. Neste período, o termo “*Post Keynesian*” começou a ser empregado para designar os avanços no campo econômico que ocorreram cronologicamente depois de Keynes. Durante estas décadas, o termo foi usado de forma relativamente estável nas publicações de economia, e, como salienta Lee (2009, p. 81-2), o mesmo era intercambiável com “*neo-keynesian*” e “*neoclassical keynesianism*”. Dois fatos ilustram bem a ausência de diferenciação entre estes termos. Um deles é o uso de “*neo-Keynesian*” por Davidson em seu livro *Money and the Real World*, em 1972, para se referir à abordagem que estava apresentando. O outro é o emprego de “*Post Keynesian*” por Paul Samuelson (1915-2009), em 1948, em seu famoso livro *Economics*. É notável perceber que esses dois economistas de correntes diferentes utilizavam indistintamente tais termos naquele período, um indício de que ainda não havia surgido uma corrente de

⁹ Segundo Lee (2009, p. 82), ambas as formas de grafar o termo “*Post Keynesian*”, empregando ou não do hífen, têm sido amplamente utilizadas pelos pesquisadores da corrente. Mais informações sobre esta controvérsia podem ser encontradas em Lee (2009, p. 82) e Lavoie (2005, p. 373).

¹⁰ Cabe lembrar que nem todos os artigos que contêm o termo “*Post Keynesian*” foram escritos por representantes desta corrente, muitos podem ser até mesmo uma crítica a ela. Isso, entretanto, não afeta a análise que segue, pois o próprio fato de ser alvo de críticas denota a importância de uma abordagem no meio acadêmico.

¹¹ De Vroey e Duarte (2013) em seu artigo *In search of lost time: the neoclassical synthesis* apresentam um gráfico muito parecido com o Gráfico 1, mas o fazem para os termos “*Neoclassical Synthesis*” e “*IS-LM*”.

pensamento pós-keynesiana unida sob uma expressão que revelasse tal união. Isso embora, é claro, as ideias que a corrente em foco iria defender no futuro já estivessem presentes.

A conferência proferida por Joan Robinson durante o encontro da AEA, em 1971, e, especialmente, o artigo publicado por Eichner e Kregel, em 1975, marcam o momento em que termo “*Post Keynesian*” começa a ser usado para designar um grupo específico de pesquisadores - como foi visto na subseção 2.1. Contudo, é apenas depois da fundação do JPKE, em 1978, que tal termo passa a ser usado mais intensivamente na literatura - e, é claro, nos periódicos pesquisados. Isso assinala o início do **segundo período** identificado no Gráfico 1. Este período, relativamente curto, corresponde a uma fase de rápido crescimento da corrente, marcando o tempo em que ela está construindo seu próprio suporte institucional principalmente nos Estados Unidos, tema da subseção 2.2. É precisamente neste período que se consolida o uso do nome “*Post Keynesian*” para se referir à nova corrente de pensamento.

O **terceiro** período se caracteriza por uma relativa estabilidade no número de ocorrências do termo “*Post Keynesian*” e diz respeito a toda a década de 1980. O fim do crescimento rápido reflete a dificuldade que a corrente enfrentou para ganhar terreno. Pode-se dizer que, uma vez constituída sua rede social e suas instituições de suporte, o pós-keynesianismo começa a se recolher em seu “gueto”, para usar a expressão utilizada por King (2002, p. 135).

Após esse íterim de estabilidade, entretanto, segue-se um **quarto** estágio em que a ocorrência vai caindo lentamente, consequência, provavelmente, da dificuldade de atrair novos pesquisadores para o “gueto” pós-keynesiano. Lee, no seu estilo caracteristicamente contundente, em 1995, justamente em meio a tal queda, interpreta:

[...] there literally will be no Post Keynesian economists around to teach Post Keynesian economics when the present group of Post Keynesians eventually retires by 2020. [...] Once the initial conditions which gave rise to a new paradigm have passed, its academic success depends almost completely on whether students are inculcated with that view. (Lee 1995, p. 1-2)

Já a queda abrupta que se observa de 2007 para 2008, se deve ao fato do JPKE não estar mais disponível na base JSTOR depois deste ano. Entretanto, é interessante notar que, mesmo sem levar em conta a principal revista da corrente, há um aumento considerável no número de ocorrências do termo “*Post Keynesian*”, depois da crise econômica de 2008, ou seja, no **quinto** período identificado no Gráfico 1. Tal crise guarda certa semelhança com um dos cenários previstos por King (2002, p. 257), em que o pós-keynesianismo tornar-se-ia a corrente dominante como consequência de uma nova revolução científica desencadeada por uma possível crise econômica mundial – como foi visto na subseção 2.3. Este vaticínio, porém, não se materializou. O pós-keynesianismo permanece uma corrente marginal de pensamento econômico, embora possa ter crescido um pouco, com sugere o aumento na frequência com que aparece o termo “*Post Keynesian*” nas publicações científicas recentes (Lavoie 2014, [2009b], p. 19).

5.2. O QUE É PÓS-KEYNESIANISMO DE ACORDO COM A ANÁLISE DE *CO-WORD*?

Primeiramente, convém lembrar que o significado de um termo, de acordo com o finitismo de significados, como foi visto na seção 3, emerge do uso que a sociedade faz dele. Desse modo, a análise de *Co-word* é utilizada aqui como um instrumento capaz de captar o significado de “*Post Keynesian*” a partir do contexto em que os economistas empregam este termo. Assim, torna-se premente adotar como princípio intervir o mínimo possível durante o processo de obtenção de tais mapas, permitindo que o significado do termo emergja de fato do uso que a sociedade em questão faz dele.

O processo empreendido aqui para obter o mapa de *Co-word* apresentado na Figura 1 pode ser descrito em quatro passos. O primeiro foi obter os meta-dados de todos os artigos classificados como econômicos pela JSTOR e que continham o termo “*Post Keynesian*” em qualquer lugar do texto, o que totalizou 5.725 artigos. O segundo foi descartar todos os artigos anteriores a 1978, pois antes disso o uso do termo “*Post Keynesian*” para designar uma corrente específica de pensamento econômico era pouco difundido, como mostrou o Gráfico 1. O terceiro passo correspondeu a decisão de utilizar apenas os resumos dos artigos para a elaboração do mapa, isto porque neles as palavras estão de fato em um

contexto literário, o que não acontece em outros meta-dados, tais como o título, as palavras chaves, etc. O quarto foi reunir os termos equivalentes “*Post Keynesian economics*”, “*Post Keynesian approach*”, “*Post Keynesian theory*” e “*Post Keynesian*”, sob este último, ou seja, na Figura 1 todos eles aparece computados como “*Post Keynesian*”.

Um segundo aspecto que convém recordar antes de partir para a análise propriamente dita da Figura 1 é que, como foi exposto na seção 3, esta figura **apresenta de modo visual um resumo de como os economistas utilizam linguístico-socialmente o termo “*Post Keynesian*”**. Em outras palavras, a Figura 1 é uma das definições possíveis do que é “*Post Keynesian*” através da ideia finitismo de significados, mais especificamente uma definição quantitativa do que os economistas entendem este termo. Pode-se encarar as expressões que aparecem no mapa de *Co-word* como os objetos negociados entre os economistas para ocorrerem no entorno da expressão “*Post Keynesian*”. A estatística de co-ocorrência capta, no presente caso, como esse processo de negociação ocorreu ao longo do tempo, uma vez que utilizou-se um horizonte temporal longo e uma amostra relativamente grande de artigos. Além disso, o corte das expressões em *clusters* indica que a negociação da entrada de objetos pode ser avaliada separando-os em conjuntos discretos que mostram subconjuntos de significados dentro do significado maior, “guarda-chuva”. Com isto em mente, passa-se agora ao processo de análise que “completa” o significado oriundo do mapa de *Co-word* através da “ligação” dos objetos que foram negociados como pertencentes ao conjunto de co-ocorrências com a expressão “*Post Keynesian*”.

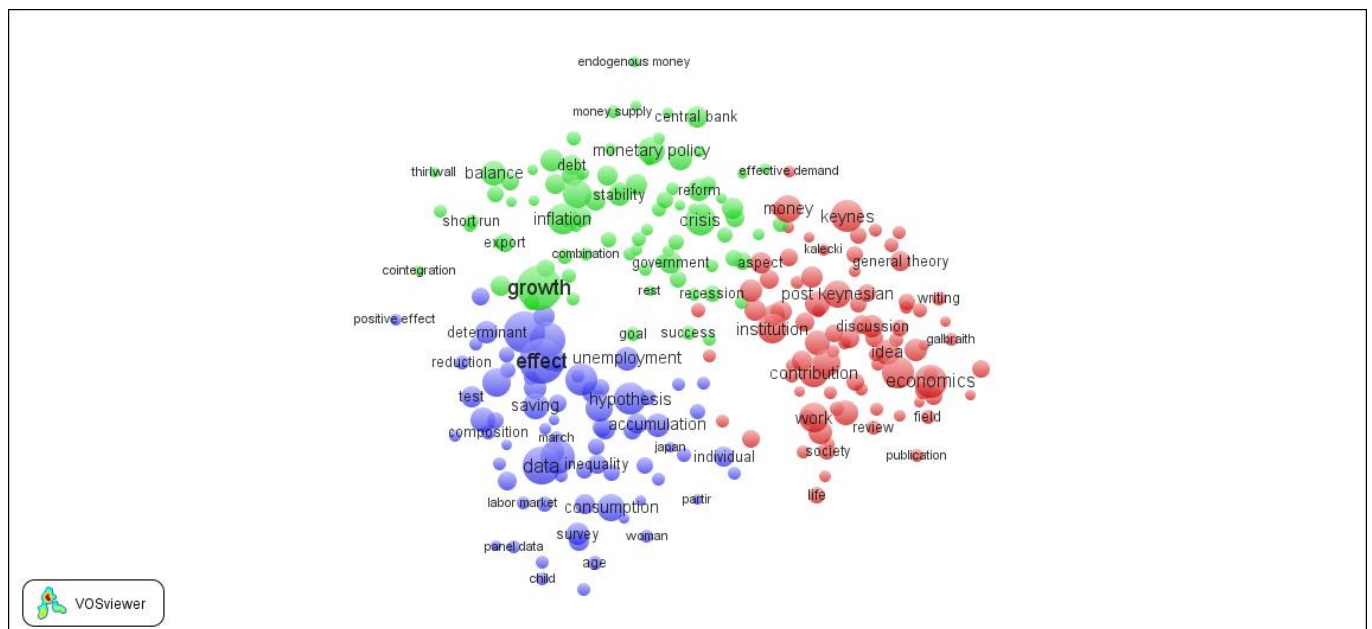


FIGURA 1 – MAPA DE *CO-WORD* PARA O TERMO “*POST KEYNESIAN*” – INCLUINDO TODOS OS RESUMOS QUE CONTÊM O TERMO DE 1978 A 2012.

FONTE: O autor (2014)

Ao observar a Figura 1 é possível identificar três clusters e, pelas palavras que cada um contém, pode-se afirmar que se trata de três grandes áreas em que se divide a pesquisa da corrente pós-keynesiana, sendo elas: (1) política econômica (cluster verde), (2) estudos empíricos (cluster azul), e (3) definição (cluster vermelho). Este último cluster, cabe pontuar, recebe nome de “cluster de definição” exatamente por que contém o termo cuja definição se procura, “*Post Keynesian*”.

Embora a Figura 1 como um todo seja uma definição de “*Post Keynesian*” segundo a interpretação do finitismo de significado, dado que o objetivo deste trabalho é entender melhor o que é esta corrente em termo de definição, convém concentrar a análise que segue no cluster de definição (vermelho). Por isso, tal cluster foi representado de forma ampliada na Figura 2 e, dentre os vários termos que nele figuram, foram selecionados quatorze (*economic policy*, Keynes, Kalecki, Paul Davidson,

esta ideia. Aliás, para muitos pós-keynesianos a TG foi realmente um livro revolucionário (Carvalho 1992, p. 3).

O mapa, portanto, reforça uma convicção: a TG é o grande livro do pós-keynesianismo. Embora tenha sido dito na seção 3 que foi fundamental a redescoberta do TP para que os pós-keynesianos encontrassem na definição de incerteza de Keynes um argumento ontológico em oposição à economia anterior, é na TG que os pós-keynesianos encontram os instrumentos de análise, as recomendações de política, as questões de interesse e, como temos no capítulo final do livro, mesmo a sua filosofia social.

À esquerda de Keynes o termo dinheiro (*Money*) também merece destaque quando se fala da definição de pós-keynesianismo. Muitos integrantes desta corrente tomam o aspecto monetário da teoria de Keynes como o mais importante, porém o que realmente singulariza a abordagem pós-keynesiana é que a maioria dos seus representantes considera a moeda não neutra tanto no curto como no longo prazo. Essa consideração é um dos pontos que deve ser incluído no rol da definição do pós-keynesianismo, pois se a palavra *money* é importante, o postulado teórico mais destacado ligado à ela é o da não-neutralidade (Arestis, 1996, p. 119).

Além de “dinheiro”, outro conceito que singulariza a abordagem pós-keynesiana é a “demanda efetiva” (*effective demand*). Tal conceito, relacionado ao fato de que habitualmente uma economia não opera em pleno emprego para os pós-keynesianos, é um dos poucos utilizados pelos três grupos apontados por Hamouda e Harcourt (1988) que integram esta corrente. Embora, como destaca Lavoie (2009a, p. 21), nem todos o entendam exatamente da mesma maneira, é extremamente relevante encontrar tal conceito no cluster de definição estimado neste artigo.

Outro ponto a ser considerado quando se fala da definição de pós-keynesianismo é a metodologia (*methodology*), como lembra Kerr (2005, p. 480), tal questão é um aspecto crucial na definição desta corrente de pensamento. Entretanto, não existe um consenso absoluto sobre qual é o método utilizado pelos pós-keynesianos. De acordo com King (2002, p. 196-7), existem duas abordagens diferentes, mas não incompatíveis, que são utilizadas pelos integrantes desta corrente para tratar esta questão, são elas a abordagem babilônica e o realismo crítico. A primeira abordagem foi desenvolvida pelo físico Richard Feynman e adaptada a economia por Dow. Esta abordagem, que foi a utilizada neste artigo, é mais aberta às interações do pós-keynesianismo com outras correntes. Já o realismo crítico, extraído dos escritos do filósofo Roy Bhaskar por Tony Lawson, é mais restritivo e adota-lo implicaria ter que jogar fora muitos artigos publicados como pós-keynesianos pelo JPKE, especialmente os relacionados à pesquisa empírica. Contudo, independente da ausência de um consenso entre os pós-keynesianos, as questões metodológicas permanecem importantes para a definição desta corrente, tanto que a palavra “metodologia” (*methodology*) aparece no cluster de definição apresentado na Figura 2.

Outro termo que merece um tratamento mais detido é “história” (*history*). Tal termo encontra-se também estreitamente ligado ao cerne da definição de pós-keynesianismo. Isto porque, segundo Lavoie (2009a, p. 13-4), a ideia de tempo histórico utilizada pelos pós-keynesianos, ao invés de tempo lógico que predomina na corrente dominante, é um elemento peculiar desta abordagem.

Além disso, merecem também destaque dois termos que estão próximos de “história” na Figura 2. “Cambridge”, que provavelmente encontra-se nesta posição por dois motivos, por um lado, por ser o local onde o conceito de tempo histórico foi integrado à abordagem pós-keynesiana por Robinson e, por outro, por estar ligado à própria história da corrente em si. “Corrente dominante” (*mainstream*) encontra-se ali, possivelmente, por ser a ideia de tempo histórico muito utilizada para critica-la, uma vez que esta apoia-se, quase completamente, no conceito de tempo lógico.

O termo “instituição” (*institution*) chama a atenção por estar relativamente próximo de “*Post Keynesian*” e, embora não seja possível afirmar categoricamente que isto é um indício da existência de uma conexão entre a corrente institucionalista e a pós-keynesiana – para isso seria necessário que aparecessem outros termos ligados à primeira –, é possível dizer que a proximidade entre tais termos denota a importância que as instituições têm dentro da análise pós-keynesiana. Uma importância que um dia, como aponta Arestis (1996, p. 113-4), poderá trazer um pedaço da escola institucionalista para dentro da corrente pós-keynesiana.

Por fim, dois outros termos merecem menção. A presença de “Capitalismo” (*capitalism*) no cluster de definição reflete a preocupação dos pós-keynesianos em descrever as características de tal sistema de produção e, juntamente a isto, o porquê das concepções pós-keynesianas serem as mais adequadas para analisá-la. Já a presença do termo “macroeconomia” (*macroeconomic*), somada à ausência de termos que se referem especificamente a questões microeconômicas, constitui uma forte evidência de que a corrente de pensamento analisada neste artigo tem negligenciado este campo da análise econômica, embora, cabe salientar, existam alguns trabalhos pós-keynesianos nesta área (Dow e John Hillard 2002, p.1).

Em síntese, no que diz respeito ao uso do termo “*Post Keynesian*” em economia a Figura 1 mostra que a corrente que o utiliza como nome se caracteriza por dar grande importância à política econômica, já que aparece um cluster inteiro dedicado a ela (cluster verde), bem como por possuir um considerável número de trabalhos empíricos que utilizam suas ideias, como mostra o cluster azul. Além disso, os termos “política econômica”, “Keynes”, “Kalecki”, “Paul Davidson”, “TG”, “dinheiro”, “demanda efetiva”, “metodologia”, “história”, “Cambridge”, “instituição”, “capitalismo” e “macroeconomia” tem um papel importante dentro da análise pós-keynesiana, servindo muitas vezes para diferenciá-la de outras abordagens, como foi visto nos parágrafos acima. Em outras palavras, a Figura 1 é uma representação interessante da aceção do termo “*Post Keynesian*” segundo a ideia de finitismo de significados, justamente porque apresenta o aglomerado de temas vagamente interligados – de que fala Klaes (2004, p.370) – tratados pela corrente pós-keynesiana.

6. CONCLUSÃO

Dado que o mais importante para entender o que significa um termo de acordo com o finitismo de significados é compreender como a sociedade o utiliza as conclusões a que o presente artigo conduz podem ser divididas em duas partes.

A primeira refere-se ao estudo da frequência com que o termo “*Post Keynesian*” foi empregado pelos economistas acadêmicos ao longo dos anos, apresentado na subseção 5.1. Deste estudo se depreendeu que a expressão “*Post Keynesian*” passou a ser amplamente usada apenas após a criação do JPKE no final da década de 1970, marcando, acredita-se, o momento em que tal termo passou a ser o nome de um grupo de economistas que se reconheciam ligados entre si e que eram reconhecidos por outros como uma comunidade integrada de pesquisadores. Além disso, o estudo levado a cabo na subseção 5.1 gerou evidências de que a corrente Pós-keynesiana, embora continue uma corrente marginal, não está se dissolvendo. Mais do que isso, parece estar ocorrendo mesmo um crescimento da mesma desde a grande crise econômica de 2008.

A segunda parte das conclusões – que é a principal já que a primeira parte, apresentada no parágrafo anterior, foi resultado de uma fase preliminar da análise, necessária para se chegar a esta segunda – diz respeito à subseção 5.2 na qual é apresentado o mapa *Co-word*. Tal mapa, representado na Figura 1, apresenta, de modo visual, uma possível definição de pós-keynesianismo, a qual emerge da maneira como os economistas usam o termo “*Post Keynesian*” linguístico-socialmente. **Uma definição que é não unívoca, não determinista, socialmente determinada e que aproveita as vantagens de uma certa “vagidão”.** A interpretação desta definição deve ser feita, cabe lembrar, levando em conta tanto o processo estatístico que deu origem ao mapa, como o que cada um dos termos que gravita em torno a “*Post Keynesian*” querem dizer, foi exatamente isto que se procurou fazer no final da subseção 5.2. Cabe agora, à guisa de conclusão, apontar aqui os principais *insights* que daí se originaram, são eles: 1) Para a corrente pós-keynesiana tem grande importância os temas relativos a política econômica. 2) A existência de vários trabalhos empíricos denota a preocupação desta corrente com este tipo de estudo. 3) A presença dos nomes Keynes, Kalecki e Paul Davidson no mapa de *Co-word* estimado sugere que embora as opiniões de Davidson sejam importantes quando se fala da definição de pós-keynesianismo, Kalecki – além obviamente de Keynes – também encontra-se ligado a tal definição. 4) A TG – e não o TP ou mesmo o TM – é o livro mais citado quando se deseja definir tal corrente de pensamento econômico. 5) O tema “dinheiro” é um aspecto importante na hora de definir pós-keynesianismo. 6) Outro tema que

embora seja fonte de discussão entre os integrantes desta corrente constantemente aparece quando eles escrevem sobre o que é pós-keynesianismo é o conceito de demanda efetiva. 7) O mesmo ocorre no que diz respeito as questões de metodologia, embora não exista um consenso entre eles sobre qual é a metodologia de análise propriamente pós-keynesiana. 8) A perspectiva histórica utilizada pelos pós-keynesianos em suas análises, também, é considerada um ponto importante quando eles desejam definir a corrente. 9) As instituições são um tema importante para a análise pós-keynesiana, inclusive na hora de definir a corrente. 10) O pós-keynesianismo é uma corrente mais preocupada com questões macroeconômicas do que com as de microeconomia.

REFERÊNCIAS

- ARESTIS, P. Post-keynesian economics: toward coherence. **Cambridge Journal of Economics**, v. 20, n. 1, p. 111-135, 1996.
- BLOOR, D. **Wittgenstein, Rules and Institutions**. New York: Routledge, 1997.
- CARVALHO, F. J. C. de. **Mr Keynes and the Post Keynesians**: principles of economics for a monetary production economy. Aldershot: Edward Elgar, 1992.
- DACHS, B.; ROEDIGER-SCHLUGA, T.; WIDHALM, C. AND ZARTL, A. Mapping evolutionary economics: A bibliometric analysis. In: EUROPEAN MEETING ON APPLIED EVOLUTIONARY ECONOMICS, 2001, Viena. p. 1-16. Disponível em: <<http://widhalm.factlink.net/fsDownload/MappingE.pdf?v=1&id=160165&forumid=256>> Acesso em: 17/01/2014.
- DAVIDSON, P. In defence of Post Keynesianism: a response to Mongiovi. In: PRESSMAN, S. **Interactions in Political Economy: Malvern after ten years**. New York: Routledge, 1996, p. 120-131.
- DAVIDSON, P. Responses to Lavoie, King, and Dow on what Post Keynesian is and who is a Post Keynesian. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 27, n. 3, p. 393-407, Spring 2005.
- DAVIDSON, P. Setting the record straight on A History of Post Keynesian Economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 26, n. 2, p. 245-271, Winter 2003-4.
- DE VROEY, M.; DUARTE, P. G. In search of lost time: the neoclassical synthesis. **The B.E. Journal of Macroeconomics**, v. 13, p. 965-995, 2013.
- DOW, S. **The Methodology of Macroeconomic Thought**: a conceptual analysis off schools of thought in economics. Cheltenham: Edward Elgar, 1996.
- DOW, S. C. Babylonian Mode of Thought. In: KING, J.E. **The Elgar Companion to Post Keynesian Economics**. Cheltenham: Edward Elgar, 2003. p. 12-15.
- EICHNER, A. S.; KREGEL, J. A. An Essay on Post-Keynesian Theory: A New Paradigm in Economics. **Journal of Economic Literature**, v. 13, n. 4, p. 1293-1314.
- ESPOSITO, G. T. **La Letteratura post-keynesiana: “scuola di pensiero” o “tradizione di ricerca”?** Bergamo: Sestante, 2012.
- HAMOUDA, O. F.; HARCOURT G. C. Post-keynesianism: from criticism to coherence?, **Bulletin of Economic Reserch**, v. 40, n. 1, p. 1-30, 1988.
- HAYES, M. G. The Post-keynesian Economic Study Grup – After 25 years. **European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention**, v. 5, n. 2, p. 297-300, 2008.
- KERR, P. A history of post-Keynesian economics. **Cambridge Journal of Economics**, v. 29, n. 3, p. 475-496, 2005.
- KING, J. E. **A History of Post Keynesian Economics Since 1936**. Cheltenham: Edward Elgar, 2002.
- KLAES, M. Evolutionary economics: In defence of ‘vagueness’. **Journal of Economic Methodology**, n. 11, v.3, p. 359-376, 2004.
- LAVOIE, M. Changing definitions: a comment on Davidson’s critique of King’s history of Post Keynesianism. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 27, n. 3, p. 371-376, Spring 2005.
- LAVOIE, M. **Introdution to Post-Keynesian Economics**. 2 ed. New York: Palgrave Macmillan, 2009a.
- LAVOIE, M. After the crisis: Pespectives for post-Keynesian economics. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO KEYNESIANA BRASILEIRA, 2, 2009b, Porto Alegre. p. 1-26. Disponível em: <<http://www.assoeconomiepolitique.org/textes/ML.pdf>> Acesso em: 17/01/2014.

- LEE, F. S. The death of post keynesian economics? **Post Keynesian Study Group Newsletter**, Jan 1995. n. 1, p. 1-2.
- LEE, F. S. **A History of Heterodox Economics: challenging the mainstream in the twentieth century**. New York: Routledge, 2009.
- MARCIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da informação**, v. 27, n. 2, p. 134-140, mai-ago 1998.
- MATA, T. Constructing identity: the Post Keynesian and the capital controversies. **Journal of the History of Economic Thought**, Cambridge, v. 26, n. 2, p. 241-257, jun. 2004.
- MONGIOVI, G. Sraffian Economics. In: KING, J.E. **The Elgar Companion to Post Keynesian Economics**. Cheltenham: Edward Elgar, 2003. p. 318-322.
- O'HARA, P. A. Journal of Post Keynesian Economics. In: KING, J.E. **The Elgar Companion to Post Keynesian Economics**. Cheltenham: Edward Elgar, 2003. p. 215-220.
- PAULA L. F. de; FERRARI FILHO, F. The spread of keynesianism in Brazil: the originis and experience of the Brazilian Keynesian Association. **European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention**, v. 7, n. 2, p. 248-255, 2010.
- ROBINSON, J. The theory of normal prices and reconstruction of economic theory. In: FEIWEL, G. R. **The Theory of Normal Prices and Reconstruction of Economic Theory**. London: Macmillan, 1985. p. 157-165.
- RONCAGLIA, A. **La ricchezza delle idee: Storia del pensiero economico**. 3 ed. Bari: Laterza, 2007.
- SAES, S. G. **Aplicação de Métodos bibliométricos e da "Co-word analysis" na avaliação da literatura científica brasileira em ciências da saúde de 1990 a 2002**. 183 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2005.
- VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. VOS: a new method for visualizing similarities between objects. In: LENZ, H. J.; DECKER, R. **Advances in Data Analysis: Proceedings of the 30th Annual Conference of the German Classification Society**. Berlin: Springer, 2007, p. 299-306.
- VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, n. 2, p. 523-538, 2010.
- VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Text mining and visualization using VOSviewer. **ISSI Newsletter**, v. 7, n. 3, p. 50-54, 2011.
- VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. **VOSviewer Manual**. Rotterdam: Erasmus Universiteit, 2013. p. 1-28 Disponível em: <www.vosviewer.com/documentation/Manual_VOSviewer_1.5.4.pdf> Acesso em: 27/02/2014
- VANTI, N. A. P. De bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, mai-ago 2002.
- WALTMAN, L.; VAN ECK, N. J.; NOYONS, E.C.M. A unified approach to mapping and clustering of bibliometric networks. **Journal of Informetrics**, v. 4, n. 4, p. 629-635, 2010.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.